

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO**

LUCAS DA SILVA OLIVEIRA

**A DANÇA ILUSTRATIVA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR
DE ILUSTRAÇÃO A AÇÃO EMANCIPATÓRIA**

MANAUS

2023

LUCAS DA SILVA OLIVEIRA

**A DANÇA ILUSTRATIVA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR
DE ILUSTRAÇÃO A AÇÃO EMANCIPATÓRIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade do Estado do Amazonas – Escola Superior de Artes e Turismo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciatura plena em Dança.

Orientadora: Prof. Dra. Amanda da Silva Pinto

MANAUS

2023

LUCAS DA SILVA OLIVEIRA

LUCAS DA SILVA OLIVEIRA

**A DANÇA ILUSTRATIVA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: DA ILUSTRAÇÃO À
AÇÃO EMANCIPATÓRIA**

Este trabalho de conclusão foi julgado adequado para obtenção de Grau de Licenciatura em Dança da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas e aprovado, em sua forma final, pela Comissão Examinadora.

Nota Final: 9,6

Manaus, 24 de março de 2023

Banca Examinadora:



Profa. Dra. Amanda da Silva Pinto



Profa. Dra. Raíssa Caroline Brito Costa



Profa. Dra. Yara dos Santos Costa Passos

Dedico este trabalho a minha querida mãe 'Maria da Conceição', que em meio a intempéries, durante vinte e seis anos se dedicou para que esse momento se concretizasse.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão a Deus, pelo conforto, pela segurança, e pelo silêncio necessário, durante essa caminhada. Aos meus queridos Maria, Luan e Erison, minha amada família, lhes dedico este trabalho, minha imensa gratidão por todo o suporte e compreensão.

Dedico essa pesquisa também a Ana Mendes, Francis Baiardi e Leila Alves, três professoras-artistas que foram de fundamental importância para que eu adentrasse a universidade.

Agradeço imensamente a minha orientadora professora Amanda Pinto, principal referência para a pesquisa, grato pela inestimável paciência.

A toda equipe da Escola Municipal Lea Antony Alencar, gestora Claudia, a pedagoga Rose, minha colega de estágio Yasmin que colaborou para a coleta das fotos. Obrigado a todos pela recepção, acolhimento e por serem tão colaborativos durante o processo de pesquisa. As crianças participantes, 5º ano, turno vespertino, obrigado pela paciência e dedicação durante as aulas.

*O caminho muda, e muda o caminhante, é um caminho
incerto, não o caminho errado.
Eu, caminhante, quero o trajeto terminado,
mas no caminho, mas importa o durante.*

Estevão Queiroga

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo verificar a situação da dança ilustrativa na educação escolar, partindo da problemática de que essa dança, que está presente na escola formal apenas como uma diversão, e com finalidades rasas, pode se tornar emancipatória nesse âmbito, vindo a se tornar parte integrante do processo educacional. Considerando isso, a pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal Lea Alencar Antony, com alunos do fundamental I, turma de 5º ano, com 24 alunos, na faixa etária de 10 a 13 anos. A pesquisa teve como referencial teórico reflexões a respeito da posição em que a dança está na escola, como a diversão pode dar lugar a um novo pensamento, o da dança como área de conhecimento. A pesquisa possui uma abordagem qualitativa, quanto aos fins foi uma pesquisa-ação, sendo uma pesquisa de campo que se utilizou da observação participante. Por conseguinte, concluindo-se que o ensino da dança na escola está envolto de fragilidades, a dança ilustrativa de fato ocupa um espaço desproporcional nesse ambiente. Não existe um espaço garantido para a dança ou até mesmo práticas artísticas, contudo, durante o processo das aulas, se notou que quando é desenvolvido um caminho para autonomia, quando acontece a interdisciplinaridade, o processo de aprendizado do aluno com a dança se torna efetivo, dessa forma tirando a dança da ilustração e a emancipando para o entendimento dela como área de conhecimento.

Palavras-chave: dança, educação, ilustrativa, emancipação

ABSTRACT

This work aims to verify the situation of the illustrative dance in school education, starting from the problematic that this dance, which is present in formal school only as a diversion, and with shallow purposes, can become emancipatory in this scope, becoming an integrant part of the educational process. Considering this, the research was developed at the Lea Alencar Antony Municipal School, with students of the Elementary School I, 5th grade class, with 24 students from 10 to 13 years old. The research had as a theoretical reference reflections about the position in which dance is in school, how fun can give place to a new thought, that of dance as an area of knowledge. The research has a qualitative approach, as for the purposes it was an action research, being a field research that used participant observation. Therefore, it was concluded that the teaching of dance at school is full of weaknesses, the illustrative dance in fact occupies a disproportionate space in this environment. There is no guaranteed space for dance or even artistic practices, however, during the process of the classes, it was noticed that when autonomy is given, when interdisciplinarity happens, the learning process of the student with dance becomes effective, this way taking dance away from illustration and emancipating it to the understanding of it as an area of knowledge.

Key words: dance, education, illustrative, emancipating

SUMÁRIO

| | |
|----------------------------------------------------|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 1 CAPÍTULO I..... | 13 |
| 2.1 Nós Humanos e a Dança | 13 |
| 2.2 A Dança na Escola Regular..... | 16 |
| 2.3 A relação do aluno com o corpo e a escola..... | 18 |
| 2.4 O senso comum e a dança na escola..... | 20 |
| 2.5 A dança ilustrativa e a emancipação..... | 22 |
| 2 CAPÍTULO II | 26 |
| 2.6 METODOLOGIA..... | 26 |
| 2.7 Abordagem da pesquisa | 26 |
| 2.8 Quanto aos objetivos..... | 27 |
| 2.9 Quanto a participação do observador | 27 |
| 2.10 Quanto a coleta de dados | 27 |
| 2.11 Observação participante..... | 28 |
| 2.12 Diário de campo..... | 28 |
| 3 CAPÍTULO III | 29 |
| 3.1 RESULTADOS | 29 |
| 3.2 A escola participante..... | 29 |
| 3.3 Os sujeitos participantes | 29 |
| 3.4 As aulas ministradas | 30 |
| 3.5 PLANO DE AULA I | 30 |
| 3.6 PLANO DE AULA II..... | 33 |
| 3.7 PLANO DE AULA III..... | 38 |
| 3.8 PLANO DE AULA IV..... | 41 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 47 |
| REFERÊNCIAS..... | 48 |
| ANEXOS | 49 |
| ANEXO A | 50 |
| ANEXO B. | 51 |
| ANEXO C | 52 |

INTRODUÇÃO

A dança como conteúdo sempre encontrou barreiras para adentrar o ambiente formal de educação, comumente entendida como uma linguagem artística que tem por objetivo uma função extracurricular no processo de educação dos alunos, foi e ainda é colocada em uma posição ilustrativa.

A ilustração reforça o papel da dança na escola apenas como diversão e entretenimento, porém é preciso fazer a escola entendê-la de uma outra maneira, gerando o pensamento de que ela pode contribuir de forma significativa no processo de desenvolvimento do aluno, fomentando-a na escola não só como uma ação que distrai, entretém ou que busca uma melhora de habilidades motoras, mas partindo de um pensamento de que ela pode agir de forma interdisciplinar com outros conteúdos, abandonando a posição ilustrativa e se tornando emancipatória por meio de atividades que irão impactar diretamente o desenvolvimento dos alunos.

A dança ilustrativa é a forma como a dança está presente atualmente na grande maioria dos espaços formais de educação, isto é resultante de um processo educacional equivocado que coloca a margem a prática da dança na escola, não considerando distintas possibilidades de estudá-la e compreendê-la. O âmbito educacional possui uma estrutura que pode abraçar a prática da dança que não seja ilustrativa, para isso é necessário questionar essa configuração na qual o ensino da dança está inserido, pois a educação deve ser plural, com finalidades de formar um ser íntegro e autônomo. Todas as áreas de conhecimento são importantes para que essa formação aconteça na sua totalidade.

Portanto, se faz necessário, fazer a escola abranger seu entendimento sobre ensino de dança, propondo ações que estimulem a autonomia na relação do aluno com ela, permitindo a ele experienciar um processo orgânico e singular, incutir nesse aluno que a sua visão de mundo e suas experiências são válidas, tirando-o de um lugar de mero receptor. Possibilitando também a interação dos conteúdos com o aprendizado, promovendo interdisciplinaridade e facilitando o processo de aprendizado.

Sendo assim esse estudo tem como objetivo verificar, investigar, como a dança ilustrativa pode se tornar uma ação emancipatória, no ensino regular, saindo do contexto da ilustração, para se tornar uma ação efetiva e de impacto no ambiente educacional. Procurando entender a situação da dança na escola, e a importância de enxergar essa prática como uma área de conhecimento e não apenas como uma atividade ilustrativa, explorando possibilidades como, a autonomia do aluno, e a interdisciplinaridade entre os conteúdos, para que a emancipação aconteça.

Pois a dança sendo uma linguagem artística com suas particularidades, é justamente uma experiência que oferece possibilidade de novos conhecimentos e vivências. Não se trata apenas de benefícios físicos, ou uma atividade que deve ser lembrada nas datas festivas, mas sim de área de conhecimento que poderá influenciar na potencialidade individual de cada um, permitindo que o aluno expresse algo que lhe é intrínseco, valorizando seu conhecimento, capacidade de criar e seu

fazer artístico.

Nesse sentido a presente pesquisa se iniciou com uma semana de observação para que se houvesse um entendimento sobre o contexto em que a escola se encontrava, e a partir disso pudesse se pensar e desenvolver as atividades com os alunos, levando em consideração que eles possuem infinitas particularidades provindas de outros âmbitos como o familiar, o meio social que vivem e isso tudo influencia no seu desenvolvimento escolar.

Inicialmente verificou-se que a prática da dança na escola era quase inexistente. Ocasionalmente as professoras promoviam atividades com os alunos nas datas comemorativas, mas em suma o contato deles com alguma prática artística, acontecia por meio das Artes Visuais na matéria de artes. Algumas atividades eram desenvolvidas nas aulas de leitura, porém com relação ao desenvolvimento corporal, os alunos tinham apenas o momento da “brincadeira” no horário da aula de educação física. A escola não possuía uma estrutura adequada para receber tanto as práticas de dança quanto as aulas de educação física, e na sala não era possível, visto que a estrutura física da escola é ínfima.

A partir da semana de observação, constatou-se o empenho da escola em priorizar os estudos dos conteúdos de matemática e português, visto que por ser início de ano, os alunos vinham de contextos escolares completamente diferentes, alguns tendo extrema dificuldade em matemática básica e na escrita. Nesse momento se notou a fragilidade do sistema educacional que em conteúdos de base é falho, e isso consequentemente refletirá no processo de aprendizado dos alunos em outros conteúdos.

Considerando o contexto em que a escola e os alunos se encontravam naquele momento, a presente pesquisa partiu de um pensar colaborativo, e foram planejadas aplicações de atividades que visassem uma prática de dança que iniciasse não só um processo de desenvolvimento do pensar e da prática da expressão corporal, mas que também estivesse alinhada com os outros conteúdos, no qual os alunos encontravam dificuldade. Fornecendo assim a eles um novo conhecimento, um outro pensar sobre o aprendizado da dança, e uma prática que contribuísse para o desenvolvimento deles nos outros conteúdos.

Sendo assim o presente estudo divide-se em três capítulos, e se utiliza de teóricos que refletem criticamente sobre a posição que a dança ocupa no ambiente escolar, e como é necessário desenvolvê-la a partir de uma prática que estimula, o pensar, a autonomia, a integração com outros conteúdos, tirando-a da experiência ilustrativa, e por meio desse pensar, desenvolver a emancipação.

No primeiro capítulo averiguamos brevemente a relação do homem ao longo da história com a dança. O processo para que ela adentrasse o âmbito educacional como dança ilustrativa se estabeleceu na escola, como esse espaço lida com os alunos e o corpo, e ainda uma reflexão sobre a relação da dança com os meios de comunicação, a visão do senso comum sobre a dança, e como esses

fatores corroboram para o enraizamento dela na perspectiva ilustrativa nesse ambiente.

O capítulo seguinte apresenta como os processos metodológicos aconteceram, suas motivações, onde a abordagem qualitativa se encontra, como o campo se sucedeu, como o investigador conduziu a exploração do ambiente pesquisado, e os dados de coleta. No terceiro capítulo são descritos como as aulas transcorreram, análise dos resultados, reflexões e as considerações finais.

1 CAPÍTULO I

1.1 Nós Humanos e a Dança

Ao longo do tempo a arte foi um meio de comunicação que os homens encontraram para se expressarem, descobertas antropológicas confirmam que seres humanos primitivos usavam a dança como forma de comunicar suas vontades, anseios, e pedidos. Seja por meio dos seus rituais de invocação, adoração ou agradecimento em suas cerimônias religiosas, sendo a expressão corporal o instrumentado encontrado para a demonstração do querer, de suas urgências.

E eles dançavam movidos por diferentes razões e em ocasiões específicas, em busca de respostas usavam os movimentos corporais para serem atendidos, e isso são fatos historicamente documentados, desenhos de figuras humanas encontradas em cavernas do período paleolítico, constatam que o homem já dançava, dançavam pela chuva, dançavam para o sol (VERDERI, 200, p.35). E por meio desses registros é notável que existia uma certa expertise do homem paleolítico, que dentro de suas limitações demonstrava entender as possibilidades que o movimento do corpo possuía e de que alguma forma aquilo poderia favorecer sua existência.

Então pode se afirmar que essa linguagem artística foi a primeira que esteve presente entre os seres humanos, e que de fato era usada como um meio de comunicação e expressão, que acontecia por meio da movimentação corporal. Deve-se considerar que esse era um período em que o ser humano tinha hábitos primitivos e em grande parte instintivo, e que mesmo dessa forma, a dança estava presente no seu cotidiano de forma útil, e que eles recorriam a ela por inúmeras razões e significados: caça, colheita, alegria, tristeza, exorcismo de um demônio, casamento, homenagem aos deuses, á natureza etc (VERDERI, 200, p 35).

Portanto se nos primórdios o ser humano que tinha uma compreensão primitiva do uso do seu corpo, já entendia que podia fazer uso dele para a manifestação de quem era, e que existiam significados nas suas ações, e os signos poderiam ser utilizados para a sua sobrevivência, no decorrer do tempo essa compreensão foi se ampliando e se firmando como uma forte afirmação de identidade. Pois a dança e a arte em geral, se tornaram uma maneira com que um grupo de pessoas pudesse ser identificado.

O ato de afirmar estava ligado, ao fato de que as pessoas precisavam se comunicar, identificar por um meio que não fosse somente a fala, e como a expressão corporal se tornou uma possibilidade, e era realmente uma opção efetiva, a partir disso o homem estabeleceu de fato uma relação com o corpo, sendo a dança parte desse processo, passando a ser parte da identidade cultural de um povo, comunidade, grupo de pessoas.

Sobre isso, Érica Verderi diz:

Em todas as etapas pela qual a dança passou - a expressão de magia, ritual, cerimonial, expressão popular e também no prazer de se divertir – estava sempre envolvida com a forma de manifestação das vivências do homem no mundo e das influências que o mundo lhe apresentava. Na passagem bíblica (Lucas 15:25) podemos encontrar uma confirmação da influência da dança nas manifestações do homem: “ O filho mais velho estava no campo. Ao voltar e aproximar-se da casa, ouviu a música e as danças. (VERDERI, 2000, p. 36)

A dança sempre esteve presente na vida do homem, não existia maneira mais fácil dele manifestar suas emoções, do que fazendo uso do próprio corpo. Com o passar do tempo e a medida que o mundo se transformava e conseqüentemente o ser humano se tornava o protagonista dessas transformações, a cultura, a arte e a dança também mudaram, estando presentes em diversas épocas, fazendo parte da história e sendo uma prática artística que em sua singularidade, mostrava de forma concreta as mudanças pelas quais o mundo e a sociedade passavam, o homem evoluía em sua forma de existir e a dança acompanhava.

Permeando os séculos, a dança esteve presente em diversas culturas e civilizações, potencializando a identidade cultural de diferentes povos, ela era, e é de fato um símbolo forte da representatividade de diferentes lugares do mundo, e a arte independente da época e do lugar, foi instrumento de identificação, capaz de mobilizar pessoas, pois a identidade cultural possibilita isso, conexão e o reconhecimento do lugar ao qual você pertence.

Pois um grupo de pessoas que vive em sociedade pode ser identificado pela sua dança, que revela por meio de movimentações corporais, que se entrelaçam a outras linguagens artísticas como a música, e até mesmo a vestimentas, a forma de viver de um povo, suas tradições, crenças, e como compreendem o mundo e tudo que acontece em seu entorno.

Inevitavelmente em muitos momentos na história, ela foi colocada em uma posição condenatória, pois a dança também é corpo, e o corpo sempre foi reprimido, seja por fatores sociais ou religiosos. Porém, com o decorrer do tempo, a relação do ser humano com o corpo foi se transformando, e através dessas mudanças, foi se contribuindo para que a prática da dança fosse mais aceita.

Quando avançamos ao século XX a dança começa a passar por modificações significativas, mudanças que iriam culminar em um novo entendimento, inclusive o de compreendê-la como parte de um processo educacional. No início desse século, o Balé clássico era extremamente valorizado, chamava a atenção de um grande público, e mobilizava pessoas em busca de aprendê-lo. Porém o deslumbramento do público e até mesmo de bailarinos pela perfeição estética do balé já não era a mesma, era necessário um outro olhar sobre o que a dança poderia ser.

Com as transformações mundiais, a totalidade harmônica do balé clássico que exerceu tanto fascínio entra em declínio como possibilidade única de dança. A beleza e o prazer puros evocados pela sylphides, Wilies, príncipes e rainhas, seus temas básicos, que exigiam que a dança fosse acima de tudo contemplada em seu caráter sobrenatural universal desfacelam-se. (MARQUES, 2003, p 168)

Essa ânsia pelo novo, alçou novos artistas a cena, e surgiam novas ideias e diferentes olhares, e até outras convicções sobre a dança, com propostas estéticas e visuais díspares, bailarinos influenciados por outros movimentos artísticos, pela filosofia, e pelo contexto histórico que vivenciavam em seu período pesquisavam algo não feito ainda.

Existia um anseio em se pesquisar e buscar novas maneiras de se comunicar por meio da arte e transmitir isso através da dança. Com o início dessa nova era, apareceram nomes de forte influência que tinham como intenção impulsionar outras formas de dançar, como Michael Fokine, que buscava colocar nas suas obras mais vivacidade, Fokine tinha sido aluno de Marius Petipa o mais importante mestre de balé do início do século passado.

Posteriormente outro nome surgiria, George Balanchine, que em 1934 ao chegar nos Estados Unidos iniciaria um novo movimento, baseado em seus estudos, inovaria com seu estilo, que valorizava o uso do espaço, energia e velocidade aumentada, Balanchine era contra o Balé narrativo, sua dança dispensava história pois a própria era o enredo. (VERDERI, 2000, p37)

Entre esses nomes tinham artistas pesquisadores como Ted Shawn e Rudolph Laban, que empenhavam-se em estudar o corpo em sua totalidade, impelindo essa forma de pensar para seus alunos. Na escola de Shawn aprendia-se tudo sobre a arte cênica, ele dizia que a dança deveria estar no centro da educação, e que ela era a raiz viva e carnal de toda cultura, o homem é uno, dividi-lo é multilá-lo (VERDERI, 2000).

1.2 A Dança na Escola Regular

A educação escolar deveria ser um campo diverso em termos de aquisição de conhecimento. É sabido que apesar da escola buscar que os alunos tenham em seu alcance uma variedade de conhecimentos, ela sempre prioriza o ensino de conteúdos alheios a prática artística.

Os conteúdos da área de exatas, por exemplo, são considerados os que de fato são essenciais na formação do aluno, o ensino da escola regular endossa esse pensamento por considerar que esses conteúdos em específico trarão resultados significativos no desenvolvimento do estudante que irá adentrar futuramente o mercado de trabalho, e no caso da escola pública o aprendizado desses conteúdos em alguns casos é frágil, devido a um sistema educacional desigual.

Dessa forma possibilidades plurais de aquisição de conhecimento são ignoradas em diversos âmbitos formais de educação, o que conseqüentemente não concretiza inteiramente as tentativas da escola de proporcionar um ambiente que agrega diversidade de conhecimento, priorizando determinados conteúdos em detrimento de outros. E essa é uma questão que sempre esteve em pauta, pois a forma como o processo educacional acontecerá, como o currículo escolar será composto, quais são os conteúdos essenciais, é uma decisão do corpo escolar, gestão, professores, e em alguns momentos sendo um debate rodeado de questões políticas e ideológicas.

Por isso não se enxerga a necessidade do estímulo ao conhecimento das artes, da filosofia, do incentivo a reflexão crítica, a pluralidade de idéias no espaço escolar, por se considerar que essas ações não serão necessárias para a formação de futuros trabalhadores, e esse pensar equivocado ou não, é o resultado do que a sociedade e seus representantes acham o certo a ser seguido.

E a arte sempre esteve em uma posição de impermanência na escola, a dança mais ainda, sobre a prática da dança na escola, Strazzacappa (2003) diz que “ A dança sempre esteve numa situação inferior à das demais manifestações artísticas” e atualmente ela ainda se encontra nesse lugar de fragilidade, de incerteza. E a educação no Brasil atravessa esse momento, onde a prioridade é um ensino voltado para a formação tecnicista, esse pensar que procura formar cidadãos que iram para o mercado de trabalho, e por isso, o restante dos conteúdos que não se adequam a esse pensamento, são colocados em posição de inferioridade, ou até mesmo nem lembrados como aconte com a prática da dança na escola.

Mas qual seria de fato a função da escola na condução do ensino desses alunos, que

não são apenas receptores de informações, mas pessoas com aptidões e potenciais singulares. Deve-se considerar que a pluralidade de conhecimento é totalmente benéfica, afinal nem todas as crianças tem aptidão para serem engenheiros, médicos ou advogados, o objetivo da educação escolar não pode ser somente esse.

Assim como a dança presente na escola, não deve ter como foco principal formar futuros profissionais da dança, e sim permitir que o aluno tenha acesso a uma prática artística que tenha algum impacto no seu desenvolvimento, no seu autoconhecimento, promovendo sua autonomia e sendo colaborativa no seu processo de desenvolvimento. Por esse motivo a escola deve ser um lugar plural, em que o acesso ao conhecimento é facilitado, se nesse espaço não é dada ao aluno essa oportunidade, dificilmente ele irá encontrar em outro lugar com facilidade.

Ao longo do tempo a dança foi sendo descoberta pela escola e sendo inserida no currículo escolar de diversas formas, podendo se afirmar que:

A presença da dança nas escolas era na forma de divertimento (como na ginástica, no antigo Ensino Normal Primário) e com caráter lúdico, sendo o lúdico no sentido de “brincadeira”, “passatempo” (como na Educação física) ou no Magistério e/ou Ensino Normal para futuros professores das séries iniciais), o que acarreta, até hoje, uma das formas restritas de se entender a dança. (PINTO, 2015, p.25)

Sendo assim, pode se considerar que o processo para que a dança ocupasse espaço no âmbito educacional foi lento e repleto de barreiras, o estudo dessa prática enquanto área de conhecimento e que soma no processo de aprendizado do aluno sempre esteve envolto de inconstâncias, a escola impondo limitações, reduzindo o conteúdo desse ensino a alguma técnica específica ou uma dança que está presente em alguma data anual comemorativa.

Embora esses processos propostos pelas escolas tentem contribuir de alguma forma para o desenvolvimento dos alunos, não efetiva uma relação concreta dos alunos com a dança, acabando por conseqüentemente retorna-la sempre para a posição ilustrativa, um meio para a diversão. Possibilitar que o aluno vivencie a dança na sua plenitude, estimular a reflexão, a criticidade, também faz parte de um processo educacional que visa formar pessoas que serão bons cidadãos, profissionais, e para além disso pessoas conscientes e seguros de sua existência.

A escola considerar o ensino da dança somente como atividade extracurricular é de fato uma realidade, e é justamente esse pensar que enraíza a dança ilustrativa na educação escolar, essa é uma problemática com inúmeros questionamentos e respostas, mas um dos principais motivos que pode-se afirmar com certeza, é um conhecimento limitado que permeia

o corpo escolar. Marques (1997, p.2) diz que o ensino de dança ainda é recoberto por esta densa camada de pensamentos e idéias em relação à sua "natureza".

A falta do compreender da dança em outras possibilidades que não seja a ilustrativa, provém do fato de que profissionais não formados na área, estão ocupando esse espaço educacional e desenvolvendo a prática da dança nestes ambientes.

1.3 A relação do aluno com o corpo e a escola

A criança quando passa a frequentar a escola inicia um novo processo no seu desenvolvimento cognitivo, social, emocional, ela vai estar em um âmbito desconhecido e vai precisar de autonomia pra manifestar suas vontades. É o início de uma vida relativamente indepedente, pois ela encontra-se longe do anseio e da proteção familiar e de toda a seguridade que seus responsáveis lhe dão. A partir disso, se inicia um processo de autoconhecimento, pois aquele ambiente novo vai lhe propiciar novas experiências, que culminarão em ações e reações, e não terá um familiar mediando as suas relações com esse novo mundo. Sobre a criança e sua relação com a escola papalia (2001) afirma:

Considera-se que uma boa pré-escola é aquela que estimula o desenvolvimento em todos os domínios - físico, social, emocional e cognitivo - através da interação com professores, colegas e materiais selecionados. Oferece às crianças um ambiente fora de casa para explorar, no qual podem escolher entre atividades adaptadas a seus interesses, a suas capacidades e a seus estilos de aprendizagem individuais. Através do êxito nessas atividades, as crianças constroem confiança e auto-estima. (PAPALIA D, E , p.295 2001)

A escola sendo esse novo “mundo”, até então inabitável, faz com que tudo ao seu redor desperte curiosidade e instigue, o pensar, a fala, o movimento, pois esse é um momento de descoberta, e crucial para um desenvolvimento saudável, por isso é imprescindível que a escola seja um lugar que estimule pluralmente esse caminhar que se estabelece a partir daquele momento.

E a medida que essa criança vai adetrando esse espaço, ela vai criando uma relação do seu corpo com o espaço físico, com os colegas, professores. A fala, a agitação corporal são um forma de se comunicar com esse ambiente. É inevitável que tal interação gere movimentação corporal, e ali se inicia um processo de repressão e de retribuição por um bom comportamento, a moeda de troca entre professor e alunos e o aquietar-se, o corpo é estagnado para que os elogios e recompensa aconteçam.

A criança entra nesse estado de inquietação e descoberta mas é condicionada ao não

mover-se, seus movimentos se tornam o alçó para a justificativa de um comportamento não adequado, pois ao mesmo tempo que a criança vai despertando seu corpo e suas movimentações, e vai aprendendo a se relacionar com esse ambiente, esse espaço e quem está em posição de comando vai limitando a construção de um processo de podaço, a criança tem suas ações sejam elas pequenas ou grandes sempre acompanhadas de correções, diz, isso vai corroborando para a criação de um corpo que está sempre sendo podado, sobre isso Godoy (2010) diz:

A ação corporal é a primeira forma de aprendizagem da criança, estando a motricidade ligada à atividade mental. Ela se movimenta não só em função de respostas funcionais (como ocorre na maioria dos adultos), mas pelo prazer do movimento, para explorar o meio ambiente, adquirir mobilidade e se expressar com liberdade. Constrói a partir destas vivências corporais um vocabulário gestual fluente e expressivo que pode ser estimulado pela apresentação da linguagem da dança a ela. (GODOY, 2010, p.22)

A partir disso, se estabelece uma relação de moeda de troca, entre a escola e o aluno, o professor e os discentes, em consequência disso as aulas de arte passam a ser um alívio, um respiro para o aluno, nela ele pode fazer “tudo o que quiser”, o seu corpo está livre para transbordar toda a inquietação censurada nas aulas de português, geografia, matemática.

E esse pensamento vai prosseguindo adiante, no decorrer do avanço da vida escolar desse aluno, tudo relacionado a arte inconscientemente é ligado a liberdade, ao momento de “diversão” da “brincadeira” pensamento em muitos casos ativados pelos próprios professores, que na tentativa de acionar um comportamento aceitável, recorrem a participação ou não do aluno nas aulas de arte ou dança, como uma resultância do seu comportamento durante as aulas de outros conteúdos.

Essa maneira de ver os conteúdos voltados para o ensino arte, como o momento da diversão é fomentado pelas próprias escolas, que determinam a presença ou não na aula de dança como a consequência pelo bom comportamento, é preciso que a escola estabeleça outra relação desse aluno com a arte, o aprendizado dela apenas como consequência de um bom comportamento, é vazio e equivocado.

E em meio a todo esse aglomerado de situações a qual alunos e professores são condicionados, a arte, e especificamente a dança prossegue sendo colocada em um lugar do entreter, do adorno, o espetáculo do fim de ano que o aluno só participará se apresentar bom comportamento e boas notas.

O que deve ser revisto é a forma como o corpo do aluno é tratado, é claro que a boa educação no sentido do respeito mútuo entre aluno e aluno, aluno e professor deve ser mantida,

mas entender que esse corpo precisa se expressar de alguma forma, e que o ensino em dança é capaz e está apto a conduzir a relação que o aluno pode ter com seu corpo e a escola, Marques (2003) diz que a escola precisa a expressão do indivíduo como a expressão de um corpo sócio-político-cultural, construindo pontes entre a dança, a educação e a sociedade.

1.4 O senso comum e a dança na escola

Os meios de comunicação de massa, como o cinema, os programas de televisão, e principalmente as redes sociais atualmente, sempre tiveram grande influência na forma como a massa enxerga a dança, Marques (2003) ressalta que em cada brasileiro parece existir um professor de dança em potencial, por direito cultural adquirido, ou seja, todos podem dançar, aprender a dançar, ensinar a dançar, então por qual motivo a dança deveria estar inserida no processo educacional, essa é uma questão que permeia o senso comum.

Com a dança estando presente em diversos lugares e sendo expressada de diferentes maneiras, fica difícil se chegar a um denominador comum sobre qual dança vai estar na escola, e com que finalidade, mas pode se considerar que as pessoas tem sim uma opinião, mesmo que rasa, sobre a dança, pois vivemos em uma época que os vídeos de dança nas redes sociais tem números extravagantes, e criam no imaginário coletivo um parecer sobre dançar.

E justamente essas danças presentes na mídia trouxeram ao longo do tempo ao imaginário popular uma visão sobre o que é a dança, dança pode ser considerada o “dois pra lá, dois pra cá” do boi-bumbá de parintins, a dança de salão que é mostrada nos domingos em um reality da principal emissora de TV do país, ou o “saber dançar” pode ser considerado as populares coreografias feitas para vídeos curtos produzidos para redes sociais, como o tik tok e instagram.

E existe, a dança praticada como um lazer e com finalidades estéticas, Strazzacappa (2001) afirma que em muitos espaços voltados para projetos de lazer, existe as “aulas de dança”, que simplesmente reproduzem modismos da televisão, sendo oferecidas por crianças que não têm crítica sobre o que consomem e o que reproduzem, modismos hoje muito presentes nas coreografias para redes sociais, onde jovens dançam ao som de músicas de cunho sexual explícito, o que inevitavelmente cria uma ideia de dança para o senso comum.

Por tais motivos pode se concluir, que a população em geral não tem um consenso sobre o que de fato é dançar, talvez seja só “saber se mexer”. Se tem uma ideia, mas não uma conclusão, por isso o não entender sobre o porquê dela está presente no currículo escolar. Além de outras problemáticas que ainda permeiam a prática da dança, como pré-conceito que

envolvem questões de gênero, condição sexual, entre outros, sobre isso Marques ressalta que:

Apesar de na era do "politicamente correto" falarmos de pré-conceitos possa parecer coisa do passado, ou até mesmo um assunto repetitivo e maçante, o ensino de dança ainda é recoberto por esta densa camada de pensamentos e idéias em relação à sua "natureza". O forte pré-conceito em relação à dança é um motivo, inclusive, para muitos professores(as) darem outros nomes às suas atividades com a dança ("expressão corporal", "educação pelo/do movimento", "arte e criação", "movimento e criação", etc.) que, em última instância, mascaram suas intenções e, ao mesmo tempo, permitem que um número maior de alunos(as) tenham acesso a ela. (MARQUES, 2003, p.21)

Com esses diversos olhares sobre o que é dançar rodeando o senso comum, se torna desafiador para escola estabelecer um porque da dança no ensino. E a escola em si, já não tem essa resposta, pois a reduz a dança, as festividades. Traçar diálogos para que a comunidade, as famílias entendam a positividade que esse ensino pode trazer, é uma tarefa árdua, que vai exigir desde a gestão até o corpo docente.

Enquanto a população em geral não possui esse compreender, a dança não será considerada por eles conteúdo essencial na formação educacional do aluno, por consequência você não verá uma comunidade, ou os pais se mobilizando para que essa prática seja ensinada na escola. Esse pensamento é compreensível, apesar de equivocado, pois a dança conhecida por eles, ainda é a que e os meio de comunicação em geral propagam, logo a forma como essas pessoas veem essa prática ainda está envolta a pré-conceitos, suposições.

Mas se na escola não existe uma iniciativa para que a expansão de ideias aconteça, ou que haja mobilização para que determinados pensamentos se perpetuem, não se pode esperar muito de outros meios que comunicam para a massa, que levam a informação a esse grande número de pessoas pois eles sempre irão persistir em uma arte espetáculo, na dança como entretenimento.

Por isso o ideal, o que se espera, é que o ambiente escolar, no mínimo seja um lugar que traz o esclarecimento, não só o conhecimento tecnicista, mas ele em suas múltiplas faces, o aluno pode ser um gênio na matemática, mas um leigo em outros assuntos, conteúdos, e isso só reafirma a importância de um ensino plural. Se o aluno aprende na escola, ele poderá mudar concepções em outros ambientes, como o familiar, a comunidade que vive.

Conhecer a arte, a dança, além do que os meios de comunicação, a mídia de massa propagam deveria ser uma iniciativa de quem trabalha com educação, por mais que a área de formação esteja distante, o educador deve ser capaz de estabelecer um diálogo que amplie o pensamento dos educandos.

1.5 A dança ilustrativa e a emancipação

Essa configuração na qual a dança se encontra na escola se inicia a medida que a escola desconsidera qualquer conteúdo que esteja a parte do ensino considerado o “essencial”. O que classifica a prática ilustrativa, é justamente esse pensar da escola de considera-la apenas nas datas de festividades ou como uma atividade extracurricular que está no horário oposto aos conteúdos considerados comuns, o aluno e o professor que não é formado em dança a entendem dessa forma, Pinto (2015) afirma que:

A dança, como ilustração, diz respeito a utilização dela para abrilhantar, enfeitar ou até para animar as devidas comemorações. Dessa forma, ela não se apresenta contextualizada, com possibilidade crítica, que interage com o contexto em comemoração. Ela acaba por servir como adereço do evento e se, em alguns casos, ela não conseguir animar o público ao final de sua “performance”, entende-se que ela não conseguiu atingir seu objetivo. (PINTO, 2015 p. 29)

E esse processo de entender a dança dessa forma, já é fomentado desde os anos iniciais, com as datas especiais e suas apresentações para a escola e a comunidade, os alunos, os pais a compreendem desta forma, como uma diversão que entretém em determinadas ocasiões, inexoravelmente ela estará no imaginário coletivo desta forma.

Pois os alunos passam a entendê-la por esse viés, e levam consigo nos anos posteriores, fazendo ela parte da vida escolar deles nesse formato, estando assim em ocasiões oportunas, como no fundamental II nos trabalhos em grupos. No ensino médio que por meio de exposições culturais, por exemplo, permite que os alunos tenham esse contato que parte de uma informalidade com a dança. Strazzacappa (2003) enfatiza que os próprios gestores das escolas evidenciam o caráter das atividades extracurriculares promovido nas escolas, dizendo que é preciso ocupar o tempo ocioso das crianças, para impedir que esse tempo seja ocupado de qualquer outra prejudicial.

Desta forma fica claro que não é uma questão de “formação” e sim de “ocupação”, ocupar ao máximo o tempo desses alunos, enchendo-os de informações que a longo prazo não farão sentindo, talvez um aluno ou outro se interesse de fato. Esse formato de ensino é extremamente comum, principalmente nas escolas particulares que oferecem um série de atividades extras no contraturno do aluno, para que ele se mantenha o máximo de tempo ocupado, não é uma prática que visa desenvolvimento, mas sim ocupar a criança em um

determinado período. Em diversas instituições escolares, a dança também é encontrada por meio de aulas de alguma técnica específica, pensando somente na questão estética, Marques (1999) diz que:

O tradicionalismo que volta a ter força nas escolas de dança encontra reforço em grande maioria das escolas formais que ainda não abandonaram esta filosofia de ensino (o enciclopedismo, o tecnicismo, o aluno tábula rasa, etc..) Por outro lado, a ideia de dança e ensino que prevalece entre alunos e professores destas escolas – mesmo as que não têm esta disciplina como componente curricular – pode ser remetida a do século XVIII (virtuosismo, espetáculo, aprimoramento técnico etc..) (MARQUES, 1999, p. 27)

Se o aluno não a encontra nesse formato na escola, ele provavelmente só irá vê-la na festa junina ou na feira escolar, ou no espetáculo de fim de ano, caso a escola tenha. Fora esses momentos, dificilmente abrirá espaço para ela em outra ocasião, a dança ilustrativa reduz o ensino da dança a um breve momento de distração, recompensa, dependendo da prática pedagógica a qual a escola segue, e em como a dança é colocada no currículo.

A grande questão é, a dança ilustrativa não ensina, não tem como objetivo educar, proporcionar conhecimento a longo prazo e com efetividade Mas sim, foca em momentos de rápido aprendizado, que entretém os alunos, os professores, os familiares, e ainda existe a problemática de que essa prática é desenvolvida por professores que não possuem formação para desenvolver tal trabalho.

É nesse momento que ela se torna protagonista do processo educacional, pois a escola afoita em apresentar resultados artísticos rápidos, direciona o ensino da dança para o caminho da ilustração. O professor fica encubido de elaborar uma coreografia, o mais rápido possível para alguma data festiva, e trabalhar a repetição para que os alunos estejam alinhados e esteticamente agradáveis aos olhos de quem assiste, no caso, os pais, a comunidade.

Sobre isso, Trigo (2017) diz que:

Devemos refletir sobre essa questão, no qual o problema não está no fato da utilização da imitação ou repetição do movimento como estratégias de aprendizagem, mas na forma e no objetivo que essas estratégias serão usadas, seja repetindo o movimento com a finalidade de aperfeiçoá-lo tecnicamente ou padronizando o movimento dentro de um determinado estilo, excluindo, deixando de fora outras possibilidades a serem descobertas pelo aluno em processo de criação em dança, por exemplo [...] (TRIGO, 2017)”

Acaba-se que por detrás desse processo todo da coreografia, do entreter, uma educação fragilizada, incoerente, que não promove um desenvolvimento integral, e não possibilita autonomia no aluno, pois movimentos corporais que não possuem signos, é uma

dança vazia, que não pensa no aluno enquanto indivíduo, não estima o quão benéfica uma prática artística pode ser, considerando isso, o apontamento de Strazzacappa (2003) precisa ser reafirmado:

Talvez este seja um dos primeiros passos a ser dado. Secretários estaduais e municipais de educação, diretores, supervisores e professores de escola devem se conscientizar de que aula de arte não se resume a atividades de desenho e pintura e de que o ensino de arte é parte integrante da formação do cidadão. (ZTRAZZACAPPA, 2003)”

A falta de comprometimento da escola em ministrar um ensino que provoca um entendimento real aos alunos do que está sendo realizado, de como a dança pode ser mais do que uma rápida vivência, é responsável por esse processo de ingnorância que se mantém. Posteriormente, se os alunos por sua vez não entendem a possibilidade da dança como parte da sua educação, nunca irão mudar suas concepções, e compreendê-la como um conteúdo apto a estar presente no seu ensino.

E a dança ilustrativa se manterá, levando um momento de diversão, com professores que ficam a frente desse trabalho, e nem possuem aptidão para tal ou o mínimo de qualificação para executar tal função. E muitas das vezes em sua maioria não tiveram nem um contato com a dança que lhes permitisse um outro compreender além do “de montar uma simples coreografia”.

Cruz e Batalha (2018) apontam que o conhecimento que os professores precisam aprender para ensinar melhor é aquele produzido também por eles mesmos ao considerarem suas próprias salas de aula como locais para investigação intencional, que considere o conhecimento e a teoria produzidos por outros (os alunos) como geradores de interpretação e questionamento.

Se o professor passa a compreender que o aluno também pode ser um gestor de suas ações, ele permite que esse aluno avance. E é justamente essa a autonomia que a dança na escola carece, a solução existe, a iniciativa não, a escola deve pensar em um ensino que seja contínuo como no restante das matérias e conteúdos aprendidos pelos alunos. Essa abertura por parte das escolas ainda é um desafio pois a dança ainda não é vista como mencionado anteriormente como área de conhecimento, e em muitos momentos, nem lembrada é.

Por isso é preciso que o professor de dança esteja munido e preparado, o ensino regular, diferente dos espaços não formais de educação, são rodeados de problemáticas sociais, de gestão, que diminuem a arte. Fazer com que a dança alcance outro posto dentro do ambiente da escola não é fácil, mas a possibilidade de mudança existe. Por isso é necessário ter fundamentos

para argumentar e oferecer possibilidades, ser um “ser criador” exige disponibilidade e estímulo, e a dança quando ensinada como área de conhecimento, disponibiliza uma pluralidade de possibilidades.

Quando a escola não permite que isso se concretize, ela falha, pois ela poda o educador e o educando, portanto, fragilizando o ensino da dança, e não permitindo que esse aluno que traz consigo uma bagagem de experiências e vivências, explore seus potenciais, condicionando-o muitas das vezes a uma posição somente de recepção e repetição.

E é através disso que a dança vai sair desse contexto de ilustração e se tornar uma ação emancipatória, questionando como a arte de dançar é vista na estrutura escolar, tornando o aluno um pesquisador, alguém que reflete criticamente sobre suas ações, potencializando seu aprendizado para um lugar que vai além do desenvolvimento de habilidades motoras.

Desconstruir uma percepção já existente é um trabalho árduo, o professor de dança que está ministrando aulas na escola regular lida com essa realidade. Mas qual seria a trilha a seguir para que a emancipação da dança aconteça? A interdisciplinaridade, uma atividade em meio as aulas de artes, uma matéria específica só de dança? Isabel Marques (1999) diz que, mas como trazer a dança para a escola básica, sem que se torne uma disciplina a mais no currículo, esmagada pelos horários, pela falta de infra-estrutura, pelo despreparo dos professores e falta de motivação dos alunos.

A falta de entendimento da escola, do seu corpo docente, estudantil, em compreender a dança como área de conhecimento, é fator crucial para se investigar o porquê dessa visão, desse pensar limitado que permeia a escola. Seria esse pensar resultado da ignorância do “não saber”, que existe uma dança que não é só entretenimento, que vai além da repetição, do código, da comemoração.

O que se espera da escola, é que ela pluralize, amplie o conhecimento, que no mínimo tenha e proporcione ao aluno um olhar novo, diferente, sobre todas as possibilidades que a arte disponibiliza. Condicionar o aluno ao já conhecido obstrui caminhos para que a dança dê um passo adiante e esteja presente no processo educacional, como uma ação que educa, que transforma o ambiente e possibilita conhecimento. Conhecimento esse, que promove desenvolvimento, contribuindo significativamente no ensino, e compreendendo que dessa forma a dança emancipada favorece o aluno, a escola.

2 CAPÍTULO II

2.1 METODOLOGIA

A metodologia é indispensável para que se constate cientificamente o decorrer e o resultado de uma pesquisa, por meio dela se constrói e administra a estrutura de um processo de pesquisa, sem a metodologia não existe embasamento científico, segundo Gil (1987) uma pesquisa é desenvolvida mediante o concurso de conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas, e outros procedimentos científicos, esse é um processo que envolve inúmeras fases até a apresentação de resultados satisfatórios, e ainda sobre a metodologia Minayo afirma que:

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Neste sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas. Dizia Lênin (1965) que "o método é a alma da teoria" (p. 148), distinguindo a forma exterior com que muitas vezes é abordado tal tema (como técnicas e instrumentos) do sentido generoso de pensar a metodologia como a articulação entre conteúdos, pensamentos e existência. (MINAYO, 2001)

A metodologia implementada nesse processo de pesquisa, procura constatar a realidade da dança ilustrativa no contexto da regular, propondo a emancipação da dança por meio de um pensar além do movimento, utilizando a interdisciplinaridade, e a autonomia do aluno.

2.2 Abordagem da pesquisa

Quanto a forma de abordagem (Kauark, Manhães e Medeiros, 2010) considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números, sobre a pesquisa de natureza qualitativa, minayo faz as seguintes observações:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, moti- p.22 vos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001)

O estudo de natureza qualitativa, aconteceu por meio da pesquisa de campo, no qual o investigador teve papel de observar e explorar, em um cenário interpretativo na condução da pesquisa. A observação caminha junto ao viés exploratório pra que se consiga examinar e coletar uma soma significativa de informações dos indivíduos e do ambiente em que a pesquisa acontece. Participar ativamente do processo, observando minuciosamente as resoluções que iram surgir ao longo deste, para que se tenha um entendimento do desenvolvimento da compreensão da dança ilustrativa nesse âmbito, tendo em vista que o objetivo final não é uma resolução definitiva, pois a dança ilustrativa continuará existindo.

2.3 Quanto aos objetivos

É uma pesquisa exploratória, portanto buscar estabelecer proximidade com o tema, sendo assim “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. (GIL, 1987)

O autor ainda afirma que:

Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. (Gil, 1987. P 42)

2.4 Quanto a participação do observador

O estudo se utilizou da pesquisa-ação, visto a necessidade de envolvimento direto entre pesquisador e participante. Segundo Gil (2008) a observação é utilizada nas ciências sociais, e apresenta aspectos curiosos, pois pode ser considerado primitivo e impreciso, mas também um dos mais modernos e que possibilita elevado grau de precisão, a observação deve ser executada, sem interferência direta nas possíveis reações.

2.5 Quanto a coleta de dados

Pode se dizer que uma coleta de dados começa a partir da escolha do tema do estudo, Kauark, Manhães e Medeiros (2010) dizem que os instrumentos de coletas de dados e as técnicas de pesquisa podem ser diferenciados e variam a depender do tipo de pesquisa, dos sujeitos da pesquisa, da intenção da investigação

Segundo Gil (1987) No estudo de campo, o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo.

2.6 Observação participante

Kauark, Manhães e Medeiros (2010) afirmam que na observação participante, o pesquisador participa da situação que está estudando, sem que os demais elementos envolvidos percebam a posição dele, que se incorpora ao grupo ou à comunidade pesquisados, de modo natural (quando já é elemento do grupo) ou artificialmente.

2.7 Diário de campo

É um instrumento usado para armazenar as informações no decorrer do estudo em campo, estabelecendo um sistema organizacional do que está sendo observado durante a pesquisa. Possibilita anotar informações fundamentais na pesquisa, na medida em que os processos e atividades vão acontecendo, podendo o pesquisador fazer inferência e comentários sobre a ação para posteriormente lê-los (CERVO e BERVIAN, 2002).

3 CAPÍTULO III

3.1 RESULTADOS

3.2 A escola participante

A instituição participante da pesquisa, é uma escola municipal, localizada na zona norte de Manaus, que tem por nome “ Escola Municipal Professora Lea Anthony Alencar”. A escola se situa em um prédio até então provisório, pois é um imóvel alugado. A estrutura física da escola é modesta, comportando apenas três salas de aula, o que resulta em um quantitativo menor de alunos comparado a outras escolas municipais.

Em comum acordo entre pesquisador e instituição, a gestão cedeu o horário das aulas de Artes para que a pesquisa acontecesse. As aulas teóricas aconteceram em sala de aula e as teóricas/práticas no pátio, visto que as salas tem uma estrutura muito reduzida, impossibilitando a prática de movimentos. A escola também não dispõe de uma quadra, devido ao prédio ser adaptado e não originalmente um imóvel projetado para ser uma escola.

3.3 Os sujeitos participantes

A matéria de Arte está presente no componente curricular do 5º ano, turma participante da pesquisa, os conteúdos dessa matéria são mais voltados para as artes visuais, atividades teóricas com aspectos lúdicos. No período de uma semana, aconteceu um acompanhamento diário em sala de aula, para que se entendesse o contexto em que a escola e os alunos se encontravam, e como a arte e a dança estavam presentes naquele ambiente.

Constatou-se que por ser início de ano, a escola estava focada nos conteúdos de Língua Portuguesa e Matemática, em razão das provas de desempenho promovidas pela Secretaria Municipal de Educação, que acontecem todo o início de ano letivo. Sendo assim, não foi possível observar como a professora conduzia as aulas de Artes, pois a regência dessas aulas ficariam a cargo do pesquisador. A turma possui 24 alunos, todos concordaram em participar e foi assinado o TCLE pelos pais, e a aula aconteceria uma vez na semana.

3.4 As aulas ministradas

Foram feitos quatro planos de aula com base no período de observação, e na necessidade dos alunos para aquele momento, no qual se notou que os alunos estavam em níveis diferentes de aprendizados por virem de realidades escolares diferentes. E considerando que o processo das aulas e seu conteúdo deveriam posicionar a dança em outro lugar na escola, que não fosse o da ilustração, os quatro planos de aula se estenderam durante as sete aulas da pesquisa, dividindo-se entre aulas teóricas e práticas e aplicando a interdisciplinaridade entre os conteúdos. Durante as aulas foram utilizados instrumentos como projetor, que facilitaram a transmissão do conteúdo para os alunos, a leitura de textos e exercícios lúdicos.

3.5 PLANO DE AULA I

Tema: Conhecendo a dança

Objetivos específicos: Dialogar com os alunos sobre o que eles conhecem, quais são suas impressões, observações, lembranças sobre o que é dança, mostrar diversos estilos, utilizando vídeo, e explanação do assunto.

Metodologia: Dialogada e Explicativa

A aula

Durante o período de observação ficou nitido o contato raso dos alunos com Arte e seu distanciamento maior ainda com relação a Dança. Foi necessário entender o contexto da escola e deles para que as aulas não se tornassem conceituais a ponto de afastá-los ou dificultasse a compreensão. A primeira aula foi planejada sobre a ideia de que apesar de não conhecerem, existe a curiosidade, mesmo que essa, esteja rodeada de ideias pré-concebidas. A aula foi dividida entre três momentos: diálogo, explicação, diálogo.

Observações

A primeira aula no momento inicial se centrou no diálogo com os alunos sobre suas compreensões e conhecimentos a respeito da dança, os alunos foram indagados sobre quais estilos de dança conheciam, quais eram suas impressões a respeito do que conheciam. As respostas foram diversas, alguns não tinham contato na prática, mas acompanhavam as danças produzidas para as redes sociais, não sabiam como indentificá-las enquanto um estilo ou técnica, mas por relacionarem com estilo musical “Funk”, a nomeavam como funk, nesse primeiro momento as respostas foram tímidas.

A partir disso, se tornou perceptível o quão a dança está distante da realidade dos alunos,

pois a única dança a qual eles tinham de fato acesso era a veiculada nas redes sociais. Em seguida, o pesquisador explanou sobre alguns tipos de dança, balé, contemporâneo, danças urbanas, e as danças brasileiras, explicando as diferenças de cada uma, e como elas eram uma rede de possibilidades enquanto expressão artística, fazendo parte da identidade cultural de um povo. Durante a explicação, brevemente, foram passadas informações técnicas que as distinguem.

Para o segundo momento da aula, foi preparado um vídeo com os estilos de dança mencionados anteriormente, levando em conta que devido ao pouco contato com a dança, e por dispersarem com facilidade, os alunos necessitavam visualizar para que desenvolvessem interesse no conteúdo. E realmente, após o vídeo, foi reiniciado o diálogo, sobre suas impressões, e agora já se sentiam mais a vontade para falar.

O diálogo foi reiniciado, para que eles pudessem exprimir suas observações agora já mais amplas, e indubitavelmente, se mostraram mais a vontade para responder. Nessa segunda conversação eles conseguiram formular um pensamento a respeito das possibilidades da dança. Logo após o segundo diálogo, foi aplicado a eles um exercício, propondo que eles escrevessem o que falaram durante os diálogos e suas observações sobre os estilos de danças aprendidos.

Perguntas do exercício

1. O que é dança para você?
2. Qual tipo de dança você conhece?
3. Você já fez alguma aula de dança?
4. Qual dança do vídeo você achou mais interessante?

De um modo geral os alunos se apegaram a uma frase dita durante a aula, “A dança é uma forma de se expressar”, e a maioria respondeu por esse caminho, “expressão dos sentimentos”. A dança como uma possibilidade de expressão das vontades, dos sentimentos, surgiu como uma novidade para eles. E houveram outras respostas como “Um tipo de cultura que a gente pode deixar o corpo se sentir livre” e “É a cultura, a história de um povo, em uma coisa só”. (ANEXO A)

Em relação a prática de aulas, nenhum, até aquele momento, teve contato com aulas de dança, e isso se deve por algumas razões, como: a escola já preenche o tempo, desconhecem lugares que aconteçam as aulas, os pais não permitem. Os estilos conhecidos por eles, os mais mencionados foram: balé, hip hop, e a dança do boi. A preferência da dança mostrada no vídeo, majoritariamente as danças urbanas, chamaram mais a atenção. A aula se mostrou produtiva,

mesmo que no começo houvesse certa resistência. Porém, no decorrer da aula, a exibição do vídeo se mostrou necessária e útil para que eles compreendessem de forma dinâmica o porque da dança ser uma linguagem artística que pode ser usada para se expressar, e como ela pode ser efetiva no processo educacional deles.



Imagem 1: Alunos assistindo ao vídeo
Fonte: Acervo do pesquisador

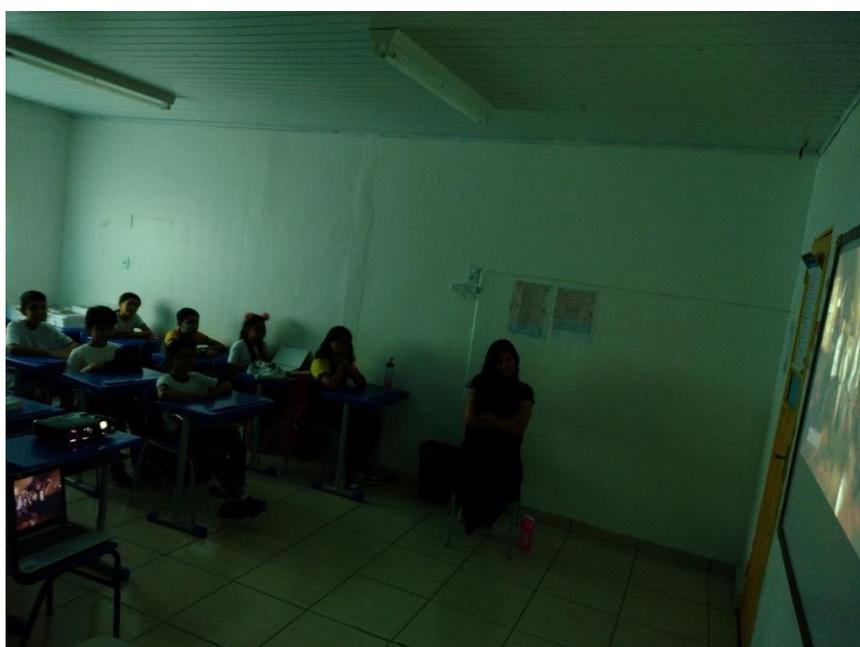


Imagem 2 : Alunos assistindo ao vídeo
Fonte: Acervo do pesquisador

3.6 PLANO DE AULA II

Tema: Meu corpo, uma história (Memória corporal)

Objetivos específicos: Promover diálogo sobre o corpo, sobre as memórias que não existem só na mente, mas também em movimentos, estimular a criação por meio da memória corporal.

Metodologia: Dialogada e prática

A aula

A aula foi dividida em três momentos, se iniciando com a breve leitura de um texto sobre memória corporal e como é possível acontecer uma criação de movimentos a partir disso. Em seguida, dialogamos sobre quais foram as referências de expressão corporal que eles tiveram ao longo da vida e como isso refletia na memória deles.

Foi então iniciada a prática, onde fizemos um aquecimento com uma sequência de contemporâneo. Após isso foi solicitado que os alunos andassem pelo espaço e fizessem movimentações corporais aleatórias que lhes viessem a memória.

Logo após fizemos a brincadeira do robô, eles faziam movimentos robóticos e quando a música parasse, ficariam estáticos. Cinco movimentos a partir daí foram selecionados, criando assim uma sequência, e para finalizar fizemos uma roda. Quem se sentiu à vontade podia entrar e improvisar, misturando suas memórias de antes da aula e do que foi aprendido.

Observações

As referências de expressão corporal dos alunos são completamente distintas, decorrente, como relatado na conversa com eles, de âmbito familiar, social, diferentes, o que influencia até na relação que os próprios têm com o corpo e suas memórias. Enquanto uns não conseguem expressar absolutamente nada (talvez decorrente de um ambiente familiar repressor), outros já são completamente agitados e expressivos em suas movimentações.

Durante os momentos em que eles tiveram autonomia para criar, teve de tudo um pouco, desde imitar movimentos coreográficos do cantor Michael Jackson, até simplesmente correr pelo espaço, ou só andar de cabeça baixa. No exercício do robô eles visivelmente estavam mais à vontade, e foram bem criativos, muito provavelmente por serem movimentos mais duros e com um direcionamento, e com uma figura que está muito viva no imaginário deles.

Apesar de parecer algo, óbvio e fácil, as movimentações tinham diferenças, pois cada um possui a própria referência do personagem solicitado. Durante o exercício de improviso alguns, de fato, se sentiram à vontade para entrar na roda, e até houve o caso de uma aluna que tomou a iniciativa, mas quando estava na roda se sentiu envergonhada.

O desenvolvimento da expressão corporal é um processo árduo, os alunos vêm de contextos de vida absolutamente diversos, a forma como são conduzidos no ambiente familiar reflete no seu comportamento na escola.



Imagem 1 : Roda para a leitura do texto e diálogo
Fonte: Acervo do pesquisador



Imagem 2 : Roda para a leitura do texto e diálogo
Fonte: Acervo do pesquisador



Imagem 3 : Aquecimen
Fonte: Acervo do pesquisador



Imagem 4 : Aquecimento
Fonte: Acervo do pesquisador



Imagem 5 : Aquecimento
Fonte: Acervo do pesquisador



Imagens 5 e 6: Andando pelo espaço, criação de movimentos aleatórios a partir da memória
Fonte: Acervo do pesquisador



Imagens 7 e 8: Andando pelo espaço, criação de movimentos aleatórios a partir da memória
Fonte: Acervo do pesquisador



Imagens 9 e 10: Movimentações “Robô”
Fonte: Acervo do pesquisador



Imagens 11 e 12: Memória corporal na improvisação em roda
Fonte: Acervo do pesquisador



Imagens 13 e 14: Memória corporal na improvisação em roda
Fonte: Acervo do pesquisador



Imagens 15 e 16: Memória corporal na improvisação em roda
Fonte: Acervo do pesquisador

3.7 PLANO DE AULA III

Tema: Relação da leitura, com a interpretação textual e a dança contemporânea.

Objetivos específicos: A leitura e interpretação textual são primordiais no processo educacional dos alunos, pois são facilitadoras para uma compreensão que é necessária nesse processo, e a dança contemporânea é um estilo de dança que estimula a interpretação por meio da movimentação corporal, aprimora a capacidade de interpretação, não só texto, ou do discurso, mas também de uma linguagem artística como a dança.

Metodologia: Explicativa

A aula

Essa aula foi desenvolvida devido ao contexto escolar dos alunos naquele momento. Eles tinham uma avaliação para a semana seguinte, e se notou uma dificuldade na interpretação dos enunciados das questões da prova e, a partir daí, foi formulado um texto que relacionava a capacidade de interpretação textual, visual e corporal, como é possível desenvolver essas capacidades em conjunto.

A aula se dividiu em dois momentos: primeiro foi lido um texto sobre o assunto, e por segundo aconteceu o diálogo sobre a dificuldade deles em interpretar. Em seguida, assistimos um vídeo (ANEXO B) de uma performance de uma companhia de dança coreana “Chib Unity” uma performance que retrata por meio de signos os prejuízos das ações humanas, guerra, fome, degradação da natureza. Por fim, foi dialogado novamente sobre a mensagem do vídeo, e foi passado uma atividade para a casa, para ser entregue no dia seguinte.

Perguntas da atividade (Respostas em imagem – ANEXO C)

1. Com suas palavras descreva a relação entre a leitura e interpretação textual.
2. Utilizando o que foi explanado e dialogado dentro de sala de aula, descreva o que é a dança contemporânea dentro do seu entendimento.
3. Com suas palavras descreva a relação da leitura, com a interpretação textual e a dança contemporânea.
4. Com base na sua interpretação, sobre o que os dançarinos estavam dançando?

Observações

A aula foi planejada para estimular a interpretação dos alunos e, durante a exibição do vídeo, a dança contemporânea é um segmento que possibilita os bailarinos usarem a subjetividade na sua arte, levando o público a utilizar sua interpretação pessoal para chegar a uma conclusão sobre o que está vendo.

Durante a exibição os alunos esboçaram reações, uma aluna espontaneamente disse “que diabo é isso”, outro questionou a maquiagem, outra aluna achou a movimentação estranha no sentido estético. Contudo, no geral eles corresponderam positivamente, conseguiram falar de forma clara qual foram suas impressões, interpretações da performance. É preciso considerar que eles estão em níveis de aprendizado diferentes, pois vieram de contextos escolares desiguais, e no diálogo expuseram como a falta de atenção na leitura dos enunciados os faz errar as questões em diferentes matérias, mas em suma durante o diálogo expuseram como de fato as diferentes formas de interpretar são úteis.

A atividade ficou como dever de casa, então os alunos puderam assistir o vídeo da aula novamente e aprofundar a interpretação visual, e entender melhor como funciona a dança contemporânea com o auxílio do texto e do que foi conversado durante a aula, eles tiveram a iniciativa de procurar a letra da música em casa pra compreensão e relacionar com a dança.



Imagens 1 e 2: Leitura do texto e diálogo

Fonte: Acervo do pesquisador



Imagens 1 e 2: Vídeo

Fonte: Acervo do pesquisador

3.8 PLANO DE AULA IV

Tema: Cantiga de roda e criação

Objetivos específicos: Estimular a autonomia e criação de movimentos a partir da cantiga de roda “Escravos de jó”

Metodologia: Prática e dialogada

A aula

A aula foi pensada com o sentido de seguir a autonomia criativa trabalhada na aula de memória corporal, planejada para ser desenvolvida em dois dias. A primeira aula foi dividida em três momentos, diálogo sobre brincadeiras de roda, aquecimento com exercício “espelho” no qual em dupla, um imita o movimento do outro. Logo após eles aprenderam a música, pois nem todos conheciam ou lembravam, após isso praticaram em dois grupos, a aula terminou nessa etapa, e ficou como trabalho para casa, criarem suas próprias movimentações na cantiga.

Na aula seguinte, aquecimento com o jogo do espelho, e os alunos foram divididos em quatro grupos e seguiram as seguintes etapas:

1º Etapa- Aprender a letra da música e memorizar os movimentos

2º Etapa - Som nasal com os movimentos

3º Etapa - Somente os movimentos corporais

4º Etapa – Cantada, som nasal e movimentação corporal

5º Etapa – Criação dos movimentos.



Imagem 1: Aquecimento
Fonte: Acervo do pesquisador



Imagens 2: Aquecimento
Fonte: Acervo do pesquisador



Imagem 3: A perdendo cantiga

Fonte: Acervo do pesquisador



Imagem 4: A perdendo cantiga

Fonte: Acervo do pesquisador



Imagens 5, 6, 7, 8 e 9: Divisão em dois grupos

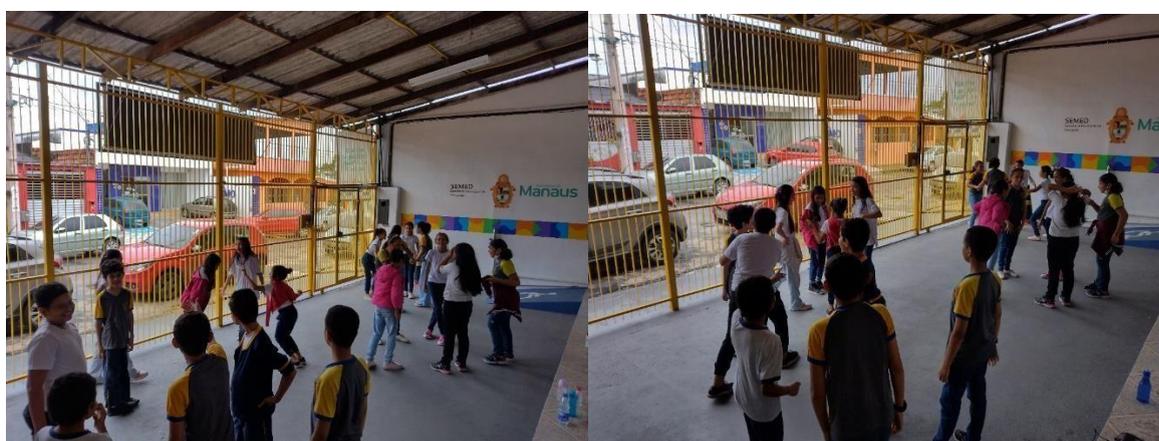
Fonte: Acervo do pesquisador

AULA 2 (Nas imagens é possível averiguar que o número de alunos é menor que o da aula anterior)



Imagens10 e 11: Divisão em dois grupos

Fonte: Acervo do pesquisador



Imagens12 e 13: Divisão em quatro grupos

Fonte: Acervo do pesquisador

A falta de entendimento da escola, do seu corpo docente, estudantil, em compreender a dança como área de conhecimento, era fator crucial para se investigar o porque de uma visão equivocada com relação ao ensino de dança, desse pensar limitado que permeia a escola.

Seria esse pensar resultado da ignorância do “não saber”, que existe uma dança que não é so entretenimento, que vai além da repetição, do código, da comemoração? Pois o que se espera da escola, é que ela pluralize, amplie o conhecimento, que no mínimo tenha e proporcione ao aluno um olhar novo, diferente, sobre todas as possibilidades que a arte disponibiliza.

Condicionar o aluno ao já conhecido obstrui caminhos para que a dança dê um passo adiante e esteja presente no processo educacional, como uma ação que educa, que transforma o ambiente e possibilita conhecimento. Conhecimento esse, que promove desenvolvimento, contribuindo significativamente no ensino. E para além disso, é preciso que o professor que está nesse ambiente de educação formal, proponha outras formas de ministrar seu processo de ensino, pois a escola é um ambiente com uma estrutura definida, e, para sair desse lugar em que o aluno está inerte e propor autonomia intelectual, é necessário fundamento.

O professor necessita se tornar um artista que pesquisa, que instiga, e propõe autonomia no processo de aprendizado. É importante reafirmar sobre o quão positiva são as ações que partem desse indivíduo ao longo de um processo de aprendizado, não existe final, ele está aprendendo e assim continuará. O professor precisa incentivar o aluno que pesquisa, e estar junto dele nesse processo de descoberta, fazendo a escola e ele compreender que o aprendizado deste acontecerá ao longo do processo e não no final. Portanto, a escola regular acaba por se tornar um desafio para o professor de dança, que detém um olhar amplo sobre o “dançar”, e investiga, estuda, pesquisa, outras possibilidades para a dança na escola, porém acaba por se ver envolto de propostas de ensino com limitações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dança ilustrativa de fato está enraizada na educação escolar, ela é uma forma de ensino mais fácil, é um caminho seguro para profissionais que não possuem formação e exercem a função de professores dança na escola. Porém é necessário compreender que o sistema educacional brasileiro tem inúmeras fragilidades na sua estrutura, e a escola pública regular está envolta de contextos absolutamente singulares, como é o caso da escola municipal participanteda pesquisa, os alunos vem de realidades distintas.

Alguns participantes da pesquisa não sabiam ler até a quarta série, estavam correndo contra o tempo para acompanhar os conteúdos do 5º ano. Se o sistema educacional falha no que ele considera o mais importante, no restante a situação é ainda mais árdua, a dança busca se estabelecer nesse âmbito, porém é preciso entender questões como essa.

Verificou-se que de fato promover a autonomia do aluno durante as aulas de dança, e somando isso com a interdisciplinaridade dos conteúdos, faz com que a dança assuma uma outra posição no processo educacional. A emancipação é possível por meio da autonomia no processo de aprendizado, se o aluno consegue criar um movimento para uma cantiga de roda já se inicia um processo emancipatório da dança na educação escolar, e esse é um caminho a passos largos, é um entendimento que precisa atravessar a escola e toda a sua estrutura.

REFERÊNCIAS

- KAUARK, Fabiana, MANHÃES, Fernanda, MEDEIROS, Carlos, **Metodologia da pesquisa** – Um guia prático, Via Literatum editora, 2010.
- GIL, Antonio, **Como elaborar projetos de pesquisa**, 4º edição, Editora atlas, São Paulo, 2001.
- GODOY, Khatya Maria, **A criança e a dança na educação infantil**, Instituto de Artes, São Paulo, UNESP.
- MARQUES, Isabel. **Ensino de dança hoje** – textos e contextos, São Paulo, Editora Cortez, 1999.
- _____. **Dançando na escola**, São Paulo, Editora Cortez, 2003.
- PAPALIA, Diana. OLDS, Sally, FELDMAN, Ruth, colaboração com GROSS, Dana, **Desenvolvimento humano**, 8º edição, Artmed Editora, 2001.
- PINTO, Amanda, **Dança como área de conhecimento** – Dos PCNs á sua implementação no sistema educacional municipal de Manaus. Manaus: Travessia, 2015.
- VERDERI, Érica. **Dança na escola**, Rio de janeiro, Editora Sprint, 2000.
- ZTRAZZACAPPA, Marcia. **Dança na educação** – discutindo questões básicas e polêmicas, São Paulo,2003.

ANEXOS

ANEXO A

25 | 02 | 23

nome: Agatha Chaul de Freitas

1- O que é dança para você?
 Um tipo de cultura que agente pode usar o corpo se sentir livre.

2- Qual tipo de dança você conhece?
 forró, samba, balé e tango.

Artes

Escola: municipal prof.ª Líia Cleonice Antonio
 Gestora: Claudia
 Pedagoga: Rossmie
 Prof: Enyette Ribeiro
 Série: 5º ano "A" Turno: vespertino
 Matrícula: 09 de 5 exercícios

1. O que é dança para você?
 dança é uma forma de se expressar

Arte

15/0

Thaizyanna da Silva Felix

1- O que é dança para você?
 É um tipo de expressão

2- Qual tipo de dança você conhece?
 B- Boi-Bumba.

ANEXO B



ANEXO C

ARTES

Exercício

Aluno: Thaynna da Silva

1° Com suas palavras descreva a relação entre a leitura e interpretação textual.

R = A leitura Bia mi é modo de contar as coisas para outras pessoas.

2° Utilizando o que foi explanado e dialogado dentro de sala de aula, descreva o que é a dança contemporânea dentro do seu entendimento.

R = Bia mi é um tipo forma de colada tudo que eu sinto Bia fora.

3° Com suas palavras descreva a relação da leitura, com a interpretação textual e a dança contemporânea.

R = Bia mi essas duas coisas são um tipo de expressão

4° Com base na sua interpretação, sobre o que os dançarinos estavam dançando no vídeo.

R = numa dança expressional.

2° Utilizando o que foi explanado e dialogado dentro de sala de aula, descreva o que é a dança contemporânea dentro do seu entendimento.

A dança contemporânea é uma forma de se expressar ou de tentar falar alguma coisa.

3° Com suas palavras descreva a relação da leitura, com a interpretação textual e a dança contemporânea.

A gente interpreta para entender o que a dança está falando.

4° Com base na sua interpretação, sobre o que os dançarinos estavam dançando no vídeo.

Ela não entendi.

ARTES

Exercício

Aluno: Aleghon Ronaldo Duarte de Freitas

1° Com suas palavras descreva a relação entre a leitura e interpretação textual.

A relação entre eles é que a gente lê para interpretar.

2° Utilizando o que foi explanado e dialogado dentro de sala de aula, descreva o que é a dança contemporânea dentro do seu entendimento.

A dança contemporânea é uma forma de se expressar ou de tentar falar alguma coisa.